

# ESTUDO COMPARATIVO DE DEMONSTRATIVOS FINANCEIROS: FLUXOS DE CAIXA DIRETO E INDIRETO

**MAXWEEL VERAS RODRIGUES (UFC)**

maxweelveras@gmail.com

**Larissa Queiroz Lima Verde (UFC)**

larissaqlv1@gmail.com

**Carolina Rodrigues Silva (UFC)**

carolrrodrigues@live.com

**Maiara Musy Araujo (UFC)**

maiaramusy@gmail.com

**Marcelo Elias Oka de Lima (UFC)**

marceloeliasoka@gmail.com



*As finanças de uma organização necessitam de acompanhamento constante de seus demonstrativos para uma melhor visualização e controle de sua capacidade econômico-financeira, sendo este fator fundamental para o alcance do sucesso da empresa. Neste contexto, os fluxos de caixa das organizações surgem com a finalidade de fornecer uma visão bastante clara do entendimento da origem e utilização do dinheiro, podendo auxiliar em modificações no gerenciamento de negócios. Ademais, para a construção do fluxo de caixa, é relevante a classificação das proveniências e aplicações de caixa, pois ambos são resumidos no demonstrativo financeiro de fluxo de caixa (DFC). Estas entradas e saídas são abordadas de formas diferentes na elaboração dos modelos de fluxo de caixa direto e indireto. Assim, este estudo, abordou, de forma simplificada, facilidades e dificuldades de elaboração de fluxos de caixa diretos e indiretos, realizando um comparativo entre ambos e citando conceitos e modelos de cálculo dos elementos de cada um, por meio de pesquisas exploratórias em literatura financeira.*

*Palavras-chave: Fluxo de Caixa, Direto, Indireto, Facilidades, Dificuldades.*

## 1. Introdução

O atual cenário competitivo no qual estão inseridas as empresas modernas origina uma busca cada vez maior por ferramentas e métodos que gerem informações mais precisas para a tomada de decisões gerenciais. Com o intuito de melhor adequar o seu desempenho aos níveis de serviço exigidos pelo setor e pela população e em resposta a esse panorama, a análise das demonstrações financeiras das organizações podem trazer resultados importantes para o sucesso do processo gerencial.

Nesse contexto, segundo Gitman (2002) o entendimento das demonstrações financeiras é ponto fundamental para administrar um negócio e operá-lo, pois elas fornecem uma visão lógica da situação da empresa, e também são o alicerce para planejar os negócios e elaborar orçamentos internos. Dentre as demonstrações financeiras, se encontra o fluxo de caixa que, ainda para Gitman (2002), é ponto de maior atenção por parte dos administradores, sendo ele mais relevante para os líderes empresariais que os lucros líquidos apurados da demonstração destes.

O fluxo de caixa (*cash flow*) é considerado por muitos analistas um dos principais instrumentos de análise, propiciando-lhes identificar o processo de circulação do dinheiro, através da variação de caixa (e equivalente). No mundo moderno, as transações das empresas não envolvem o caixa propriamente dito, uma vez que os pagamentos podem ser feitos via Internet (*homebank*) ou com cheques e os recebimentos podem ocorrer via transferência eletrônica de crédito ou depositados diretamente nos bancos sem que precisem transitar pelo caixa no sentido contábil desta conta (SILVA, 2012).

Atualmente, o fluxo de caixa pode ser apresentado usando um de dois métodos: direto ou indireto. Esses métodos têm impacto na importância e relevância das informações fornecidas pela demonstração do fluxo de caixa em tomadas de decisão. Segundo Guerra (2006), o método direto consiste em uma demonstração de todas as operações da empresa conforme estas aconteceram e o indireto é uma demonstração elaborada por meio de diferenças de saldos vindos do balanço patrimonial e das demonstrações de resultados da empresa. Pesquisas anteriores examinam a utilidade do método direto em relação ao indireto e os incentivos que motivam a escolha do primeiro em detrimento do segundo. Pesquisadores como Zhao e El-Masry (2013), Orpurt e Zang (2009), Kojima (2012), Goyal (2004) e Hassan

e Christopher (2001) possuem preferências ao método direto em comparação ao método indireto.

Neste contexto, o presente trabalho tem como objetivo identificar na literatura financeira existentes facilidades e dificuldades de elaboração de fluxos de caixa diretos e indiretos, realizando um comparativo qualitativo entre ambos e citando conceitos e modelos de cálculo dos elementos de cada um.

## **2. Metodologia**

Este estudo se caracteriza como exploratório, uma vez que tem o objetivo de proporcionar maior familiaridade com o tema, com vista a torná-lo mais explícito, segundo Gil (2002). Para atingir tal finalidade, de identificar e discutir as diferenças encontradas entre as metodologias de elaboração de fluxo de caixa direto e indireto, foram analisadas as variáveis e estruturas de cada uma destas análises financeiras. Buscou-se o aprofundamento na pesquisa sobre os componentes que influenciam na estrutura do fluxo de caixa, com o fito de compilar e analisar as facilidades e dificuldades de cada um dos métodos.

A pesquisa foi realizada por meio de análises presentes em literaturas financeiras, priorizando obras científicas dos últimos dez anos, que abordassem o tema da metodologia de elaboração destes dois modelos de descritivos financeiros. Assim, este estudo também é caracterizado como uma pesquisa bibliográfica, o qual, segundo Gil (2002), tem seu desenvolvimento baseado em material elaborado anteriormente, sendo principalmente de livros e artigos científicos, nacionais e internacionais.

## **3. Referencial teórico**

### **3.1. Demonstrações dos Fluxos de Caixa**

A demonstração dos fluxos de caixa consiste em um relatório contábil essencial para o gerenciamento de uma organização. Considerando o âmbito empresarial, esse tipo de demonstração financeira é útil para o entendimento da proveniência e utilização do dinheiro, podendo auxiliar em modificações no gerenciamento de negócios, segundo Silva (2012). Nesse contexto, os fluxos de caixa evidenciam as modificações ocorridas em um determinado período no caixa e equivalentes de caixa, por meio dos pagamentos e recebimentos (Marion, 2009).

Essa demonstração, dá aos gerentes, analistas de equidade, credores comerciais e investidores uma explicação completa das mudanças que ocorreram no saldo de caixa das empresas. (Gibson, 2007). Além disso, a análise do fluxo de caixa também possibilita uma visão das entradas e saídas relacionadas às atividades operacionais, de investimento e de financiamento, conforme mencionado por Gitman (2002), permitindo estimar os montantes, o momento e a incerteza dos fluxos de caixa futuros e avaliar a flexibilidade financeira da entidade. Ainda segundo Gitman (2002), os operacionais se referem aos fluxos de caixa provenientes à produção e venda dos produtos e serviços. Já os de investimento “ *são fluxos associados à compra e venda de ativos imobilizados e participações societárias*” (Gitman, 2002, p.82), enquanto os de financiamento tem sua ocorrência vinculada a operações de empréstimo e capital próprio.

Um ponto importante a ser ressaltado durante a explicação sobre fluxo de caixa é o tratamento fornecido aos itens não-desembolsáveis, sendo eles a depreciação, a exaustão e a amortização. Gitman (2002) explica que todas as despesas com os itens citados anteriormente devem ser incluídas de volta aos lucros líquidos depois da dedução do imposto de renda no fluxo de caixa, permitindo à empresa pagar menos impostos, devido à diminuição do lucro tributável.

Para a construção do fluxo de caixa, é relevante a classificação das origens e aplicações de caixa, pois são esses dois tipos de entradas e saídas que são resumidos no próprio demonstrativo financeiro de fluxo de caixa. No quadro a seguir, buscou-se apresentar de forma mais explícita essa classificação.

Quadro 1 - Origens e aplicações de caixa

Origens	Aplicações
Diminuição em qualquer ativo	Aumento em qualquer ativo
Aumento em qualquer passivo	Diminuição em qualquer passivo
Lucro líquido após o imposto de renda	Prejuízo líquido
Depreciação e outros itens não desembolsáveis	Dividendos pagos
Venda de ações	Recompra ou resgate de ações

Fonte: Gitman (2002, p.83)

Essa classificação faz parte da primeira etapa para a construção do fluxo de caixa, que consiste em classificar e somar todas as variações do balanço patrimonial, segundo Gitman (2002). Posteriormente, o autor cita que deve se obter os dados necessários da demonstração de resultados (DRE) e apresentar adequadamente os dados coletados nos passos anteriores.

Segundo Matarazzo (2010), o resultado da demonstração financeira descrita anteriormente inclui informações que influenciam diretamente a tomada de decisão, como as causas das mudanças de situação financeira de uma organização, o destino das vendas de imobilizado, a origem dos recursos que amortizaram antecipadamente dívidas de longo prazo, a adequação do nível em tesouraria, entre outras. Além disso, o autor enumera algumas informações do fluxo de caixa referentes à capacidade financeira da empresa que possam auxiliar na gestão da organização, sejam elas: autofinanciamento da compra, produção e vendas, independência do sistema bancário de curto prazo, geração de recursos destinados a investimentos e amortização de dívidas.

Por fim, é importante salientar que o fluxo de caixa, atualmente, pode ser elaborado por dois métodos distintos: direto e indireto. Segundo Guerra (2006), o método direto consiste em uma demonstração de todas as operações da empresa conforme estas aconteceram e o indireto é uma demonstração elaborada por meio de diferenças de saldos vindos do balanço patrimonial e das demonstrações de resultados da empresa, como será melhor relatado a seguir.

### **3.2 Fluxo de Caixa Direto**

De acordo com Guerra (2006), o fluxo de caixa direto consiste em demonstrar todas as transações de uma azienda conforme estas aconteceram, podendo ser elaborado apenas por pessoas com acesso a informações internas da empresa.

Segundo Souza e Lavor (2008), no fluxo de caixa direto as entradas e saídas são apresentadas por investimentos e financiamentos. Nesse método, praticamente todos os itens de natureza operacional são provenientes do balanço patrimonial e do demonstrativo de resultado da empresa. Já os itens provenientes do fluxo de caixa de investimento e de financiamento são obtidos de informações adicionais sobre pagamento de parcelas de financiamento, aquisição de bens de ativo, realização de despesas financeiras e subscrição e integralização de capital. (Silva, 2012).

De acordo com Silva (2012), existem algumas etapas para a construção do fluxo de caixa direto, sendo a primeira delas o cálculo do total de dinheiro recebido dos clientes em determinado período. Isso é feito considerando a receita líquida com os impostos obtidos na DRE, enquanto os valores das duplicatas a receber são provenientes do balanço patrimonial. Posteriormente, é calculada a provisão para devedores duvidosos, a qual também utiliza informações da DRE e do balanço com o intuito de reduzir o valor das duplicatas a receber dos clientes, prevenindo, assim, a empresa de ter alto prejuízo com inadimplência. O passo seguinte, segundo o autor, consiste no cálculo do pagamento a fornecedores, o qual é determinado pelas compras do período acrescidas da variação da dívida da empresa junto aos fornecedores. Em seguida, deve ser calculado o pagamento de despesas e impostos, ressaltando que alguns desses valores se referem ao exercício do período anterior. Com essas informações, se obtém o caixa operacional. Somando as receitas e despesas financeiras, a compra ou venda de imobilizado e o aumento de capital obtido pelos sócios ou por financiamento, há a finalização do fluxo de caixa direto. (Silva, 2012).

### 3.3 Fluxo de Caixa Indireto

No método de fluxo de caixa indireto, “é feita uma reconciliação do lucro líquido para o caixa líquido, e as mudanças, aumento ou redução, são medidas nas contas de Capital de Giro”. (Silva, 2009, p.181), ou seja, este método baseia-se em lucros ou prejuízos da demonstração de resultados do exercício (DRE). Estes valores, de lucros ou prejuízos, serão ajustados no fluxo por variações do balanço patrimonial junto a itens econômicos como a depreciação.

Desse modo, a elaboração do fluxo de caixa indireto pode seguir a seguinte ordem, segundo Guerra (2006): inicialmente devem ser definidas quais as operações afetam o fluxo de caixa; em seguida são separados os recebimentos que aumentam os recursos disponíveis (empréstimos e financiamentos, vendas à vista, recebimento de duplicatas etc) dos que diminuem os recursos disponíveis (pagamentos de encargos ou dividendos, compras à vista, pagamentos a fornecedores etc); logo após, estas transações são estruturadas e é indicado o saldo inicial do caixa, que pode ser obtido no balanço (o saldo final do exercício anterior será o mesmo que começou o ano atual); por fim, são demonstradas as entradas de recursos e logo abaixo as saídas de caixa, a soma do saldo original com as entradas diminuindo-se as saídas deve redundar no saldo final do fluxo de caixa indireto.

Segundo Silva (2012), o método indireto chega à variação de caixa, mas não apresenta o mesmo detalhamento do tipo direto. Assim, o fluxo de caixa indireto não permite visualizar com facilidade os pagamentos de clientes, fornecedores e de despesas, já iniciando o fluxo com o valor do lucro líquido. Desse último valor, são feitos descontos para se obter o fluxo de caixa operacional (Silva, 2012).

#### **4. Discussão e Resultados**

##### **4.1. Vantagens e Desvantagens dos tipos de fluxo de caixa**

A escolha entre os métodos de fluxo de caixa tem como fundamento o nível de detalhamento do controle financeiro, conhecimentos contábeis, ferramentas e recursos gerenciais das empresas em questão.

De acordo com Lopes e Menezes (2000), há uma deficiência no controle do ciclo operacional das pequenas empresas, e por isso, muitas empresas desse porte não possuem Demonstrações do Fluxo de Caixa adequadas. Para elas, configura-se como melhor escolha o método direto, pois, segundo Campos Filho (1999), um dos seus benefícios é a rapidez de introdução da cultura de administração baseada nas entradas e saídas de caixa. Além disso, o fluxo de caixa direto permite que o acompanhamento dos pagamentos e recebimentos seja feito em menores intervalos de tempo, pois as informações para a construção do fluxo podem ser determinadas de forma diária (Campos Filho, 1999). Ademais, a geração de informações com base em critérios técnicos, não apresentando influência das leis fiscais é uma vantagem considerável do método direto, de acordo com Gonçalves e Moreira (2009). É válido ressaltar que esse método apresenta clareza ao informar os itens mais importantes das entradas e saídas de caixa. Em contrapartida, o método indireto fornece menos informações em comparação com o método direto, já que não revela individualmente as entradas e saídas de caixa das atividades operacionais. Assim, de acordo com Jones et al. (1995), Kojima (2012) e Widjaja (1998), o método direto é mais indicado para o entendimento dos dados de fluxo de caixa.

Para micro e pequenas empresas, o Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) sugere o uso de modelos de planilhas que seguem o método direto (disponibilizando modelos em seu site), evidenciando a superioridade desse tipo de fluxo de caixa para o porte de organizações considerado anteriormente.

Para grandes empresas, de capital aberto acima de R\$ 2.000.000,00 (dois milhões de reais), tornou-se compulsória a apresentação da Demonstração de Fluxo de Caixa, pela Lei n° 11.638/07, publicada em 28 de dezembro de 2007, segundo a Casa Civil (2007). Para elas, o método indireto se torna uma escolha possível, pois é exigido o cálculo do lucro líquido, encargos incorporados à dívida de longo prazo, depreciação, ajustes relativos às despesas de provisão de Imposto de Renda, variação nas contas que integram o Investimento Operacional em Giro, o caixa líquido das atividades de investimento e de financiamento. Todos esses são conceitos contábeis e financeiros de alto nível de detalhamento.

Ademais, conforme citado por Casa Civil (2007), o método indireto apresenta baixo custo, pois considera em sua composição informações do balanço patrimonial, da demonstração do resultado e algumas informações adicionais.

Em contrapartida, existe um custo relacionado a classificação precisa das entradas e saídas para a construção do fluxo direto e um maior tempo despendido para a conversão de informações de do regime de competência para o regime de caixa, o que configura uma desvantagem para a organização, segundo Campos Filho (1999). É válido ressaltar, ainda, que caso haja quaisquer modificações na legislação fiscal brasileira, o método pode vir a apresentar distorções de valores.

Depois de analisadas as vantagens e desvantagens dos métodos das demonstrações de fluxo de caixa, será demonstrado abaixo um exemplo das diferenças estruturais e dos impactos da aplicação desses dois tipos de fluxo.

As tabelas a seguir apresentam o Balanço Patrimonial, a DRE e informações adicionais de uma empresa fictícia, adaptadas de Silva (2012).



Tabela 1 - Balanço Patrimonial Empresa Fictícia

<b>Ativo</b>	<b>20X3</b>	<b>20X4</b>
<b>Ativo circulante</b>	<b>R\$ 2.352,78</b>	<b>R\$ 6.910,02</b>
Disponível	R\$ 103,50	R\$ 78,50
Duplicatas a receber	R\$ 624,00	R\$ 4.866,00
Provisão para devedores duvidosos	-R\$ 48,72	-R\$ 145,98
Duplicatas a receber líquidas	R\$ 1.575,28	R\$ 4.720,02
Estoques	R\$ 674,00	R\$ 2.111,50
<b>Ativo circulante</b>	<b>R\$ 2.680,90</b>	<b>R\$ 3.698,52</b>
Realizável a longo prazo	R\$ -	R\$ -
Imobilizado	R\$ 2.822,00	R\$ 4.122,00
Depreciação acumulada	-R\$ 141,10	-R\$ 423,30
Imobilizado líquido	R\$ 2.680,90	R\$ 3.698,70
<b>Ativo total</b>	<b>R\$ 5.033,68</b>	<b>R\$ 10.608,72</b>
<b>Passivo + PL</b>	<b>R\$ -</b>	<b>R\$ -</b>
<b>Passivo circulante</b>	<b>R\$ 508,50</b>	<b>R\$ 2.035,73</b>
Fornecedores	R\$ 350,50	R\$ 10.105,50
Salários e encargos sociais	R\$ 123,00	R\$ 393,50
Contas a pagar	R\$ 35,00	R\$ 110,50
Provisão para IR a recolher	R\$ -	R\$ 426,23
<b>Passivo circulante</b>	<b>R\$ 4.525,18</b>	<b>R\$ 8.572,99</b>
Passivo não-circulante	R\$ 1.912,50	R\$ 3.045,00
Patrimônio Líquido	R\$ -	R\$ -
Capital	R\$ 2.612,68	R\$ 3.112,68
Reserva de lucros	R\$ -	R\$ 2.415,31
Total do PL	R\$ 2.612,68	R\$ 5.527,99
<b>Passivo Total</b>	<b>R\$ 5.033,68</b>	<b>R\$ 10.608,72</b>

Fonte: adaptado de Silva (2012)

Tabela 2 - DRE da Empresa Fictícia

<b>Demonstração de Resultados</b>	<b>20X4</b>
Vendas	R\$ 13.405,00
CMV	-R\$ 6.702,50
Lucro Bruto	R\$ 6.702,50
Despesas de salários e encargos	-R\$ 2.286,50
Despesas gerais	-R\$ 812,50
Despesa de provisão para devedores duvidosos	-R\$ 97,26
Depreciações	-R\$ 282,20
Despesas financeiras	-R\$ 382,50
Lucro operacional	R\$ 2.841,54
Provisão para IR	-R\$ 426,23
Lucro Líquido	R\$ 2.415,31

Fonte: adaptado de Silva (2012)

Tabela 3. Fluxo de Caixa - Método Direto

Demonstrações dos fluxos de caixa - DFC	20X4
<b>ATIVIDADES OPERACIONAIS</b>	
Vendas	R\$ 13.405,00
(+) Duplicatas a receber (inicial)	R\$ 1.624,00
(-) Duplicatas a receber (final)	-R\$ 4.866,00
(=) Recebido de clientes	R\$ 10.163,00
Custo da mercadoria vendida (a)	R\$ 6.702,50
(+) Estoque (final)	R\$ 2.111,50
(-) Estoque (inicial)	-R\$ 674,00
(=) Compras	R\$ 8.140,00
(+) Fornecedores (inicial)	R\$ 350,50
(-) Fornecedores (final)	-R\$ 1.105,50
(=) Pagamento a fornecedores (b)	R\$ 7.385,00
Despesa de salários e encargos	R\$ 2.286,50
(+) Despesas gerais	R\$ 812,50
(+) Salários e encargos sociais (inicial)	R\$ 123,00
(-) Salários e encargos sociais (final)	-R\$ 393,50
(+) Contas a pagar inicial	R\$ 35,00
(-) Contas a pagar final	-R\$ 110,50
(=) Pagamento de despesas (c)	R\$ 2.753,00
Caixa líquido das atividades operacionais	R\$ 25,00
<b>ATIVIDADES DE INVESTIMENTO</b>	R\$ -
Compra de imobilizado	-R\$ 1.300,00
Caixa líquido das atividades de investimento (e)	R\$ 1.300,00
<b>ATIVIDADES DE FINANCIAMENTO</b>	R\$ -
Aumento de capital	R\$ 500,00
Financiamento de longo prazo	R\$ 750,00
Caixa líquido das atividades de financiamento (f)	R\$ 1.250,00
<b>VARIAÇÃO DAS DISPONIBILIDADES (g) = d + e + f</b>	-R\$ 25,00
Valor inicial das disponibilidades (h)	R\$ 103,50
Valor final das disponibilidades (e) = g + h	R\$ 78,50

Fonte: Adaptado de Silva (2012)

Para estabelecer o fluxo de caixa direto, foi necessário saber o montante financeiro das contas de clientes a receber, estoques (dado pela informação do CPV), fornecedores, salários e despesas gerais, além de informações adicionais, como atividades de investimento e financiamento. Outra observação importante, é o fato de que o fluxo de caixa direto apresenta, segundo Campos Filho (1999), a vantagem de gerar informações com base em critérios

técnicos, sem qualquer interferência da legislação fiscal, não sofrendo, assim grandes alterações com mudanças tributárias.

O método direto permite enxergar claramente o quanto foi pago com cada uma dessas contas com uma temporalidade maior que o método indireto, diariamente, por exemplo. Além disso, não são necessárias correções de valores com a depreciação, amortização ou valores do balanço.

Além disso, com este modelo de caixa, pode-se realizar uma avaliação sobre os problemas financeiros da organização, sabendo ainda onde está a origem destes, se em contas operacionais, em investimentos ou em financiamentos.

A tabela a seguir mostra o fluxo de caixa obtido pelo método indireto.

Tabela 4. Fluxo de caixa - Método Indireto

<b>Demonstrações dos fluxos de caixa - DFC</b>	<b>20X4</b>
<b>ATIVIDADES OPERACIONAIS</b>	
Lucro líquido do período	R\$ 2.415,31
Encargos da dívida de Longo Prazo (despesas fin)	R\$ 382,50
Depreciações	R\$ 282,20
Despesas de provisão para Imposto de Renda	R\$ 426,23
Varição de duplicatas a receber	-R\$ 3.144,74
Varição dos estoques	-R\$ 1.437,50
Varição de fornecedores	R\$ 755,00
Varição de salários sociais	R\$ 270,50
Varição de contas a pagar	R\$ 75,50
Caixa líquido das atividades operacionais (a)	R\$ 25,00
<b>ATIVIDADES DE INVESTIMENTO</b>	R\$ -
Compra de imobilizado	-R\$ 1.300,00
Caixa líquido das atividades de investimento (e)	R\$ 1.300,00
<b>ATIVIDADES DE FINANCIAMENTO</b>	R\$ -
Aumento de capital	R\$ 500,00
Financiamento de longo prazo	R\$ 750,00
Caixa líquido das atividades de financiamento (f)	R\$ 1.250,00
<b>VARIAÇÃO DAS DISPONIBILIDADES (d) = a + b + c</b>	<b>-R\$ 25,00</b>
Valor inicial das disponibilidades (e)	R\$ 50,00
Valor final das disponibilidades (f) = d + e	R\$ 25,00

Fonte: Adaptado de Silva (2012)

Pelo método indireto, chega-se ao mesmo valor da variação das disponibilidades que o método anterior. Contudo, ressalta Silva (2012) para se chegar a essa quantia, parte-se dos

valores de lucros ou prejuízos e faz-se ajustes, com informações as quais não devem afetar o caixa da empresa, tais como, depreciação ou amortização e outros valores vindos do balanço patrimonial, de forma diferente do método direto.

Semelhanças entre estes dois modelos de demonstrativos aparecem também no tocante às atividades de investimento e financiamento, como exposto pelas tabelas, os mesmos valores são considerados para os dois métodos.

Percebe-se, então, que o método indireto, após estabelecimento de certos parâmetros contábeis e de posse do balanço e da DRE, é calculado de forma mais fácil que o próprio método direto, apesar da desvantagem, já comentada, de apresentar menos informações.

## 5. Conclusão

Mudanças socioeconômicas, pelas quais vasta parcela de empresas brasileiras passa, requerem, de forma crescente, uma evolução contínua de ferramentas e métodos que gerem informações mais precisas e confiáveis para a tomada de decisões gerenciais. É evidente, assim, a necessidade de avaliações sobre as demonstrações financeiras que supram a necessidade informacional dos usuários, tanto internos quanto externos. Neste contexto, foi verificado que fluxos de caixa direto e indireto possuem peculiaridades que podem servir de facilidades ou de dificuldades para cada organização em específico. Observou-se que, segundo autores da literatura financeira, micro e pequenas empresas, as quais não detêm de tantas informações de regime de competência, são mais indicadas a realizarem suas demonstrações financeiras com base no fluxo de caixa direto, uma vez que este ainda traz a rapidez de introdução da cultura de administração baseada nas entradas e saídas de caixa. Por outro lado, o fluxo de caixa indireto, indicado para empresas de maior porte, apresenta como vantagens um menor custo de execução e a rapidez de seus resultados, uma vez que estes estão ligados a seu balanço e sua DRE. Sabe-se que a elaboração de relatórios financeiros será útil para a tomada de decisões se incluir informações relevantes, representadas fielmente e melhorando a qualidade, desse modo, fica a cargo de cada instituição balancear cada facilidade ou adversidade dos dois métodos para identificar qual melhor se aplica em suas finanças. Entende-se, ainda, a utilidade, em futuros estudos, de elaborar um método que facilite esse balanceamento, ajudando a empresa a entender melhor suas necessidades e, assim, destacar o método que se adeque aos objetivos pretendidos na análise de suas finanças.

## REFERÊNCIAS

- AN ACADEMIC PERSPECTIVE. In: International Journal of Economics and Finance; Vol. 8, No. 2, 2016, Canadian Center of Science and Education.
- CAMPOS FILHO, Aldemar. Demonstração dos Fluxos de Caixa: uma ferramenta indispensável para administrar sua empresa. 1ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- CIVIL, Casa. LEI Nº 11.638, DE 28 DE DEZEMBRO DE 2007. 2007. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/lei/111638.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/lei/111638.htm)>. Acesso em: 03 dez. 2016.
- CLINCH, G., Sidhu, B., & Sin, S. The usefulness of direct and indirect cash flow disclosures. *Review of Accounting Studies*, 2002. p. 383-404.
- GIBSON, C. Financial reporting and analysis. 10ª ed. Canada: Thomson, 2007.
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GITMAN, L., J. Princípios de administração financeira. 7ª ed. São Paulo: Harbra, 2002.
- GONÇALVES, S. G. S; Moreira. H. L; O fluxo de caixa como ferramenta no processo decisório das empresas. Disponível em: <<http://peritocontador.com.br/wp-content/uploads/2015/03/Sonaly-Glena-dos-Santos-Gon%C3%A7alves-O-Fluxo-de-Caixa-como-Ferramenta-no-Processo-Decis%C3%B3rio-nas-Empresas.pdf>> Acesso em: 03 dez. 2016.
- GOYAL, M. A Survey on popularity of the direct method of cash flow reporting. *JAMAR*, 2004. p. 41-52.
- GUERRA, L. Contabilidade Descomplicada. 1ª ed São Paulo: Saraiva, 2006.
- GUNESH, R., & Priscille, H. Users perception on cash flow reporting practices in Mauritius. *Studies in Business and Economics*, 2014. p. 82-96.
- HARDAN, Abdullah, S; Majed, A. Qabajeh; Aymen, M. Alshanti. The Preference of Direct or Indirect Methods in Preparing the Statement of Cash Flows in Decision Making. *International Journal of Economics and Finance*, 2016
- Hassan, S., & Christopher, T. Determinants of the choice of reporting the direct method or indirect method of cash flow from operating activities: Malaysian evidence. *Journal of Financial Reporting & Accounting*, 2007. p. 139-156.
- Hughes, M., Hoy, S., & Andrew, B. Cash flows: The gap between reported and estimated operating cash flow elements. *Australasian Accounting Business and Finance Journal*, 2010, p. 96-114.
- Jones, S., & Widjaja, L. The decision relevance of cash-flow information: A note. *Abacus*, 1998. p. 204-219.
- Kojima, K. Decision usefulness of cash flow information format – An experimental study. *International Review of Business*, 2012. p. 23-44.
- Krishnan, G., & Largay, J. The predictive ability of direct method cash flow information. *Journal of Business Finance & Accounting*, 2000. p. 215-245.
- LAYOUR, L.A; Souza. L. S. Uma abordagem significativa da demonstração do fluxo de caixa. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/12837985/Demonstracao-de-Fluxo-de-Caixa>> Acesso em: 04 dez. 2016.

LOPES, Antônio Carlos Vaz; MENEZES, Emílio Araújo. A IMPORTÂNCIA DO FLUXO DE CAIXA NO GERENCIAMENTO FINANCEIRO DAS PEQUENAS EMPRESAS. In: EGEPE, 1., 2000, Maringá. Anais do I EGEPE. Maringá: Sbeb, 2000. p. 223 - 232.

MARION, J.C. Análise das demonstrações financeiras: contabilidade empresarial. 4ªed.São Paulo: Atlas, 2009.

SEBRAE. Planilha ajuda a fazer fluxo de caixa da sua empresa. Disponível em:  
<https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/planilha-ajuda-a-fazer-fluxo-de-caixa-da-sua-empresa,adf8d53342603410VgnVCM100000b272010aRCRD>>  
Acesso em: 05 dez. 2016

SILVA, E.C.da. Introdução à administração financeira. 1ªed. Rio de Janeiro: LTC, 2009.

SILVA, J.P.da. Análise financeira de empresas. 11ªed.São Paulo: Atlas, 2012.

Zhao, L., & El-Masry, H. Assessing the ability of the direct method format of the statement of cash flows to boost financial analysts judgment accuracy. The Journal of Human Resource and Adult Learning, 2013. p. 1-7.